

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

A crise de futebol que se verificou ultimamente na nossa terra levou-nos a uma reflexão sobre o sentimento de bairrismo. Desde sempre que nos habituamos a ouvir: «os de Fão é que são bairristas!»

Sê-lo-ão de facto? Que na nossa terra existem realizações que foram criadas por puro bairrismo, é inegável. Bombeiros, Hospital, Escolas Amorim Campos, Clube Fãoense, Clube de Futebol, doações à Santa Casa, são exemplos frisantes de amor pelo bairro. Servir as instituições, ocupar cargos directivos, ser bombeiro, inscrever-se como associado de qualquer agremiação, representar equipas desportivas, pertencer a comissões de festas, ornamentar altares das igrejas, podem significar amor à terra, embora aqui coabitem outras motivações, conscientes umas, inconscientes outras, tais como simples deleite do ego, um certo assomo de vaidade, interesse próprio, conforto, promoção social, etc. Sem dúvida que estas motivações existem e coexistem, com predominância de alguma ou algumas sobre as restantes.

Quando se diz, portanto, que os de Fão é que são bairristas, quer-se significar que tal sentimento supera todos os outros componentes que estão na base do acto decisório. Dito de outra maneira: os habitantes da terra, quando criam as instituições ou quando as servem, fazem-no por amor a Fão. Será assim na verdade? Não é muito fácil de respon-

der. Há situações e situações. Como referimos acima, há lugares confortáveis e essa agradabilidade, por *feed back*, reforça o posicionamento adquirido. Há por outro lado cargos espinhosos, desgastantes e tão absorventes que assumi-los equivale a carrear sacrifícios. No Hospital e no futebol encontramos os dois modelos de gestão que acabamos de referenciar.

Poderá o leitor mais espertioso concluir: nesse caso é mais bairrista um director desportivo que um dirigente da Santa Casa. Sem

na formação do *time* director. Com efeito, alguns dirigentes, logo que empossados, contactaram jogadores ainda livres e convidaram-nos a actuar na equipa de Fão. Pois algumas respostas foram muito reticentes e condicionantes: «Eu só vou se o treinador for fulano», «nada me incentiva a jogar no Fão», etc.

Dantes era pecado mortal um fangueiro envergar camisola de outro clube, a menos que isso representasse uma promoção, casos de Carioca e de Costa. Mas agora é com

ULTRAPASSAGEM

embargo de admitirmos que no primeiro caso rareiam pessoas e no segundo sobejam, nada queremos deduzir porque não questionamos o tema desta maneira. Queremos no entanto afirmar que o assunto é complexo e que as respostas não são tão lineares como à primeira vista parecem.

Uma coisa se nos afigura certa: *há hoje menos bairrismo em Fão do que havia dantes*. Esta frase reforçou-se além do mais com a crise de futebol ultimamente verificada na terra fangueira. Não nos referimos à falta de dirigentes pois o fenómeno é ciclo e já vem de muito longe. Referimo-nos, sim, à falta de jogadores. Formado o elenco directivo, o primeiro obstáculo que se deparou aos dirigentes foi a falta de atletas. O que era feito deles? Estavam no Gandra, Forjães, S. Paio e por aí fora. Não se venha dizer que a dispersão dos futebolistas locais se ficou a dever à demora

uma simplicidade espantosa que um jogador vira costas ao clube da terra. Fora de portas jogam futebolistas que bondariam para formar uma equipa. Claro que tal debandada obriga os dirigentes locais a lançar mão de jogadores da Póvoa, Vila do Conde e Barcelos com os inerentes custos de deslocação bastante onerosos para o Clube.

Falta de bairrismo na juventude fangueira? Dizem-nos que o fenómeno, ou seja, a falta de amor à camisola é geral. Sinal dos tempos. Será.

No entanto, os jogadores do Marinhas, na recente crise por que passou a colectividade, deram um exemplo de verdadeiro bairrismo: eles procuraram formar uma direcção, não se dispersaram e só com gente da casa conseguiram uma equipa que vai disputar o campeonato da 1.ª Divisão da A. F. de Braga.

Moral da história: até no bairrismo estamos a ser ultrapassados.

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

DR. ARMANDO DA COSTA FARIA

(Continuado do número anterior)

No número anterior o dr. Armando Faria falou-nos das vargas que se lançavam no mar como prelúdio à Festa do Lago. Havia também a varga do rio comandada pelo Antonino. Com duas redes paralelas fazia-se um corredor que terminava com mais duas redes: uma na vertical e outra horizontal. Os peixes, outrora em abundância, eram «escorraçados» para o corredor e no final, deparando com um obstáculo, saltavam no ar e caíam na rede que se encontrava estendida à superfície das águas.

Mas ouçamos de novo Armando Faria a descrever-nos com notável realismo a Festa.

«E vinha o domingo, o grande dia.

A partida de Fão era regulada pela força da maré. Se a praiamar fosse mui-

to cedo, cedo se tinha que partir e era um corre-corre, às vezes ainda mal acordadas as pessoas, mas que as imperativas or-



(Continua na pág. 2)

PINHAL DE OFIR OU PINHAL DO LIXO?

Este texto assinado por 90 pessoas foi enviado às seguintes autoridades: Presidente da Junta de Fão, Presidente da Câmara de Esposende, Secretária do Estado do Ambiente, Serviço Nacional de Parques, Direcção Geral de Turismo, Direcção Regional do Ambiente, Direcção do Gabinete da A.P.P.L.E. e Comissão Ecológica da C. M. de Esposende.

O nosso pinhal está transformado numa lixetra, tanto a norte como a sul do Hotel Ofir. Naquele cotovelo formado pelo início da Rua, Artur Atres e o caminho que vai dar às Rodas, o esterco é imenso. Alguns moradores do prédio que finaliza a Avenida António Veiga (lado esquerdo de quem está virado para o mar) são extremamente porcos. Apesar de haver um contentor a 3 ou 4 metros, preferem sujar o pinhal. São capazes de ter dinheiro, mas civismo não têm algum.

Muitos dos assinantes do memorial actua transcrita são pioneiros de Fão e é com muita mágoa que assistem à sua degradação. Quem quer entra no pinhal para conspurcar tudo quanto lhe apetece, que ninguém lhes vai à mão. Desde a Restinga

(Continua na pág. 3)

DR. ARMANDO DA COSTA FARIA

(Continuado da pág. 1)

dens so sr. Regedor, meu avô, faziam correr e sobretudo, porque não se podia partir depois dos de Esposende passarem, quando não, lá se iriam os melhores lugares do areal, pois quem chegasse primeiro melhor se instalaria.

Se a maré fosse bem aproveitada, evitar-se-iam os encalhes dos barcos nas partes mais baixas do rio, obrigando todo o mundo a pôr o pezinho na água e a empurrar o barco ajudando aqueles que nos remos ou nas varas lá os iam conduzindo.

Eram inúmeros os barcos, dos quais me recordo da «Catrina», do meu avô, o «vencedor» do Antonino Borda, uma grande «chata», larga, enorme, que servia para o transporte de lenha, de Mestre Borda (pai do Padre Neca Borda), mais o do Vilela e os motores do Antonino Assunção e sr. Silva e outros mais de que não lembro os nomes, mas que vejo nesta saudade desfilando em linha entre a vozeria de quem remava ou varava, os risos das crianças e os permanentes conselhos dos mais velhos num cuidado permanente para que ninguém caísse ao rio, até ao areal que existe na curva para a direita depois de passado o «pôço» da Barca.

Mas anos havia em que este desfile era animado por um aliciante especial.

É que o Antonino Borda, com o Penetra, o Fonseca, o Ernestino Glória e o Tenente Filipe, desafiavam, para uma regata até à Barca, o sr. Antoninho Assunção que muito se orgulhava do seu barco, linda réplica dum lugre, movido por um pequeno motor e que sempre partia embandeirado até ao tope do seu elegante mastro e mastarêu.

Só que, quanto me lembre, essa regata nunca chegava ao fim, pois os quatro atletas do remo sempre iam à frente e quando o Assunção exigia ao motor um maior esforço para ganhar, este entrava a tossir, engasgava e a luta... ficava para o ano, com grande gáudio dos «vencedores» que depois vinham ajudar para que o Baía não tivesse problemas e acompanhava o desfile.

E depois de passarmos em frente à capelinha com o seu sino em repique festivo, sinal que acabara a missa da festa, chegava-se ao lugar do pic-nic.

Assoreados os barcos, era o carregar dos cestos e toda a palamenta e procurar na orla das bouças a melhor sombra e abrigo do vento. Com a ajuda de remos, varas e velas, engendrava-se um abrigo do sol e vai de estender toalhas, destapar os cestos e espalhar as travessas e os tachos com bolinhos de bacalhau, peixe frito, pasteis de carne, croquetes, arroz de frango e lombo assado. E os infalíveis pasteis da Clarinha e a aletria e a fruta. E depois percorrer os «acompanhamentos» vizinhos a oferecer do «nosso» e a provar do «deles», que seria ofensa não o fazer...

Depois de bem comidos, alguém can-

tava, tocava e dançava, e alguém jogava a pela ou fazia uma boa e digestiva soneca na rede estendida entre dois pinheiros, enquanto um «voluntário» conduzia num dos barcos, três ou quatro das mais idosas senhoras que faziam questão de ir à capela da S.^a do Lago, rezar por si e por todos nós que antes preferíamos ficar no areal onde já não havia grupos mas uma só mole de gente que se divertia a bel-prazer.

Entretanto, chegava a hora do regresso que «a vazante já vai em meio» diziam os «mestres» entendidos e era o recolher do estendal feito à chegada, com o cuidado de não deixar nada ou não levar nada que fosse do vizinho...

Como para baixo todos os Santos ajudam, organizava-se a descida do rio com a «chata» a que já me referi como centro duma hipotética jangada, ladeada e seguida pelos restantes barcos. Para a chata saltavam os instrumentistas, o Penetra com o seu bandolim, o Ernestino com a guitarra, o Fonseca com o violão e todos os que queriam dançar e cantar, aquela juventude dos trinta, quarenta e até cinquenta anos, enquanto os da «provecta idade» se acomodavam nos outros barcos, lembrando o passado e pensando se para o ano ainda voltariam. No remanso da corrente, lá íamos deslizando para Fão. O Forno da Cal já se avistava recortado no rubro do sol poente quando o céu começava a recamar-se de estrelas e o Lago já lá ficava para trás... até ao ano.

Chegava-se por fim ao término da viagem e quer nas rampas do Cortinhal ou do Gaifém, na Pedra Alta ou no Cais com o «ar de quem vem da festa», descarregavam-se os barcos e cada um ia para sua casa. Só que na casa do meu avô ainda ia haver o tradicional «enterro dos ossos» que consistia em reunir a família com os amigos, o Penetra, os Bordas, o Ernestino, as Mancas, as do Carneiro, os do Américo, os da Póvoa, os Mónicas, os Turras com o Carlos e seu violão, as Calafates... sei lá. Então, na enorme sala pontificada por aquela mesa que comportava trinta pessoas sentadas, estendiam-se os «restos» do pic-nic, enquanto numa sala ao lado se organizava o bailarico ao som de um velho gramofone que lá ia arranhando as valsas, as polcas, os *one-steps*, os tangos, os viras até à grande quadrilha que normalmente era corrida ao ritmo do «Olha o velho, olha o velho»... A «aparelhagem» era assistida por quem isto lembra, sempre atento a que não faltasse a corda ao gramofone, que a agulha fosse rapidamente mudada para o princípio do disco, mal tivesse chegado ao fim, e que... não faltasse água nos gasómetros de acetilene que iluminavam a sala.

E a dançar, a cantar, petiscar, voltar a dançar lá se chegava à meia-noite, hora que naqueles tempos era mais que própria para descansar e dormir. Só que com aquela gente as coisas não acabavam assim. Quando começavam os «obrigados»

e os «até amanhã», reunia-se o grupo das serenatas composto pelos tocadores já referidos a que se juntavam a Helena do Pintor, mais uma tia minha, Emília de nome, possuidoras de vozes maravilhosas e ainda as tias Catarina e Alice e todas as moças bem como os resistentes ao sono, sem falar no velho Regada. E vai de percorrer as ruas e ruelas do velho Fão, do Cais à Matriz, do Curtinhal ao Ramalhão, cantando a solo ou em coro, às vezes satisfazendo o pedido de alguém que assomava a uma janela em camisão de noite ou cobertor às costas. A passeata terminava pelas tantas em casa onde se iria acabar o resto dos «ossos» com um bom e quente café. A brincar já estávamos nas três ou quatro da manhã e toca a dormir um pouco que às 6 horas partia o «carro da carreira» que nos levaria à Póvoa a pensar... na festa que seria no ano que vem.

Lembro-me que um certo ano, quando seguia no «char à banc», a caminho da Póvoa, com minha mãe e tia, uma senhora amiga que também seguia viagem conosco, ao comentar a serenata, disse: «lá que as raparigas cantavam bem, isso é verdade, mas a cantar àquela hora na rua não devem ser lá grande coisa». Naturalmente que ficou um pouco sem jeito quando minha mãe lhe disse: «Olha que uma era esta — e apontou para minha tia. — Que te parece?»

A Barca do Lago! O Fão antigo! Que saudades!...

Ó D. Miquinhas Turra, veneranda senhora: estou certo ou estou errado?»

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO
Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Armando Duarte
Florinda
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
João Ferreira Neves
A. Ramos Assunção
Quim de Fão

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cime n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

PINHAL DE OFIR OU PINHAL DO LIXO?

(Continuado da pág. 1)

à Bonança, a desolação é contínua. Não vimos ali nem fiscais nem guardas nem limpadores de lixo.

Na parte velha de Fão trabalham 4 limpadores de lixo. Porque não se destacam dois funcionários nos meses de Verão para a zona de Ofir? Afinal aquilo é Fão ou não é?

Com um clima que não é famoso, só com muito asseio poderemos atrair e fixar os turistas, não propriamente os de garrafão ao domingo, mas pessoas que se hospedam nos hotéis ou em casas particulares.

Lembramos que o Eng. Losa empenhou-se em fazer de Ofir uma estância turística de qualidade. Parece que todos os esforços que desenvolveu e as arrelhas por que passou foram em vão. A bagunçada e a porcaria instalaram-se em Ofir.

«Somos um grupo de cidadãos que vem exprimir a V. Ex.ª uma forte apreensão quanto ao futuro da zona turística do Pinhal de Ofir.

Temos vindo a assistir ano após ano à destruição sistemática do seu património natural, com particular incidência para a zona das dunas e pinhal a norte e sul do Hotel de Ofir.

Uma das causas principais da degradação é o tráfego e estacionamento perfeitamente anárquico de automóveis, carrinhas e camionetas através do pinhal e dunas, chegando a invadir terrenos murados, nos quais as vedações de acesso foram destruídas. Assistimos todos os fins de semana, com o conhecimento das autoridades responsáveis, ao estacionamento destes veículos fora dos arruamentos, com consequências irreversíveis para a sobrevivência da vegetação rasteira, tão necessária à fixação das areias e renovação do pinhal, sem a qual as plantas de maior porte (pinheiros e austrálias) ficam sujeitas a erosão permanente, secam e morrem.

De facto, não faz sentido que se instalem esporões para formação de dunas, e ao mesmo tempo se permita que a vegetação, elemento primordial de fixação das mesmas, seja tão impunemente destruída.

Temos assistido ao corte de arvoredos e fogueiras para cozinhar, pondo em risco a segurança de pessoas e baves das moradias locais, que vêm com preocupação a possibilidade de um dia ocorrer um incêndio que será incontornável. Com a grande densidade de veículos estacionados no pinhal, é fá-

cil prever que uma situação de perigo provocada por incêndio poderá ter consequências gravíssimas. Destroem-se ainda árvores com o simples propósito de «criar» um local de estacionamento dentro do pinhal, contribuindo os ramos secos para o perigo de propagação de fogos.

Temos ainda assistido à acumulação de grande quantidade de lixo no pinhal e dunas, com as consequências sanitárias e estéticas que todos conhecemos. A rapidez com que o Pinhal de Ofir se está a tornar em lixeira é de facto espantosa, fruto de uma utilização abusiva dos terrenos que o constituem.

Como testemunho do nosso relato, juntamos 34 fotografias que pensamos serem suficientemente elucidativas da situação descrita.

Tendo em conta que o Pinhal de Ofir é uma zona de turismo que deverá ser protegida a todo o custo, pela rara coincidência de pinhais, foz de rio e praias com características únicas no Norte de Portugal, recebemos com grande agrado a criação de Área Protegida do Litoral de Esposende (Decreto-Lei n.º 357/87 de 17 de Novembro), culminar de uma iniciativa da Assembleia Municipal de Esposende.

No entanto, verificamos que as placas de área protegida não servem para nada, e que moradores e turistas têm de assistir à degradação que semanalmente se repete.

Não temos qualquer dúvida que o tráfego de veículos deveria ser proibido fora dos arruamentos e que o seu estacionamento deveria ser restringido a locais designados para o efeito. Afinal, é a solução que se encontra em qualquer local turístico nos países que se preocupam com a preservação do seu meio ambiente.

Por outro lado, sendo os terrenos do Pinhal de Ofir privados, os seus proprietários deveriam ser responsabilizados pela sua preservação, vedando o acesso, construindo e contribuindo para que os terrenos se apresentem sem lixo.

Desde já solicitamos ser informados sobre as acções que a Câmara de Esposende e o Gabinete da Área Protegida do Litoral de Esposende pretendem levar a efeito para impedir a destruição continuada do Pinhal de Ofir, e vimos por este meio mostrar a V. Ex.ª o desejo de colaborar, confiantes de que a nossa preocupação será ouvida. Junta-se em anexo lista de 88 assinaturas dos subscritores deste manifesto (duas páginas).

AUMENTE O SEU COLESTEROL

Findas as férias — e souberam a pouco — vamos dedicar-nos de novo à meritória tarefa de ajudar o colesterol na subidinha habitual.

Começamos com umas

SARDINHAS DE ESCABECHE À ESPANHOLA

Fritam-se as sardinhas e tiram-se do azeite em que se fritaram. deixa-se o azeite assentar, e deita-se para uma caçarola a parte limpa desse azeite. Deita-se dentro rodela de cebola, alho muito picadinho, tomate aos bocadinhos, sem pele nem sementes e deixa-se refogar, até alourar a cebola.

Entretanto, dispõem-se as sardinhas numa travessa funda, cobrem-se com tiras de pimentos «morrões», sem pele, e regam-se com o molho que fizemos na caçarola.

Pode servir-se quente ou frio, conforme as preferências.

E agora, uns

BOLINHOS ATREVIDOS

Farinha de trigo — 250 gramas.

Ovos — 1.

Manteiga — 100 gramas.

Juntam-se estes ingredientes e amassam-se muito bem até ficar tudo ligado.

Põe-se a massa na mesa e tendem-se uns bolinhos no feitiço de croquetes, que depois se achatam com um garfo.

Colocam-se em tabuleiro untado com farinha, douram-se com gema de ovo desfeita num pouquinho de leite, e vão a cozer em lume forte.

E pronto. Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

DO BRASIL

Do grande país irmão chegou a Portugal o nosso prezado assinante Ernesto Pereira de Azevedo que por aqui se demorou mês e meio. Não é fangueiro mas trabalhou em Fão, casa Lai-Lai, cerca de treze anos. Foi o antecessor do Marinho.

Pois «seu» Ernesto está muito bem no Rio. Esteve cerca de 14 anos sem vir cá, mas agora temo-lo de volta de dois em dois anos. Muito amigo da família e da sua terra natal, Palmeira de Faro, padece também de fangueirite, e a prová-lo estão as visitas constantes a Fão e à sua antiga patroa, D. Lai-Lai.

Estamos contente por saber que «O Novo Fangueiros» não tem deixado esmorecer em Ernesto Azevedo a simpatia que o liga a Fão.

ÓPTICA

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- ÓCULOS DE SOL
- APARELHOS DE PRECISÃO

DE APÚLIA

ÓBITOS

Com a propecta idade de 99 anos de idade, faleceu, no dia 15 do passado mês de Julho, no lugar da Areia, a Senhora Auxília Dias da Silva, viúva de António José da Silva.

— No lugar de Criaz, em 29 do mesmo mês, faleceu a Senhora Esmeralda Moreira Ferreira, de 58 anos de idade, natural de Amorim, Póvoa de Varzim, casada com Manuel Gonçalves de Sá Lopes.

— Ainda no lugar de Criaz, faleceu também, no dia 25 de Julho, a Senhora Ana Fernandes Dias, de 85 anos de idade, casada com António Fernandes da Silva.

— No lugar de Paredes, faleceu com 72 anos de idade, a Senhora Maria Gonçalves Fradique, viúva de Manuel Gomes da Vinha.

A todos os familiares, principalmente aos Senhores Adelino Dias da Silva e Manuel Gonçalves de Sá Lopes (Martins) apresentamos o nosso certão de pesar.

CASAMENTO

Na Igreja Matriz desta freguesia, consorciaram-se os jovens Cândido Veiga Escrivães, de Fontboa e Maria José Carvalho do Monte, natural desta freguesia, filha de Albertino Lopes Fernandes do Monte e de Maria Alice Faria de Carvalho.

ÉPOCA BALNEAR

Com o final do mês de Agosto, Apúlia esvaziou-se de gente, de bulício, de cor. Praticamente chegou ao fim mais uma época balnear. O findar de mais um Verão permite-nos alguns reparos, que aqui deixamos, não com o propósito de criticar, embora conscientes de que algumas coisas podiam ter sido remediadas com um pouco mais de boa vontade e entrega. Mas apenas, para dentro do possível, evitar a sua repetição no futuro. Assim, vamos aflorar ao de leve, os casos do fornecimento de água, da corrente eléctrica, da limpeza, e do comércio local.

ÁGUA. Efectivamente não há razão para muitas queixas, e estas referem-se ao mês de Julho, com alguns cortes e quase sempre com um caudal muito ténuo. E nesse mês, cremos, até choveu com abundância. No mês de Agosto as coisas passaram-se um pouco melhor. Poucos cortes e até em melhor caudal. Já a qualidade desse líquido parece, ao que se diz, que não é das melhores.

LUZ ELÉCTRICA — Também a luz, não obstante o consumo enorme desses dois meses, não esteve muito mal; poucos cortes e corrente com potência razoável.

LIMPEZA — Bem, aqui, sobretudo na praia e nas artérias que lhe dão acesso, a limpeza deixou muito a desejar, quanto a nós derivado em grande parte, à feira semanal. Mas isso também não é só deste ano.

COMÉRCIO LOCAL — Não há dúvida, este foi um mau ano para o comércio local. Todos os estabelecimentos comerciais se queixam, e parece que com razão. Ao crescimento constante de casas do mesmo ramo de negócio, veio juntar-se o comércio de ambulantes, onde se vende de tudo e talvez a melhores preços. A concorrência, diz-se, é de certa maneira desleal, pois enquanto uns pagam licenças de todo o ano, outros pagarão apenas nos dois melhores meses. Mas este assunto dá pano para muitas mangas e merece ser tratado com mais profundidade, o que talvez faremos proximamente.

Outros assuntos, como o estacionamento, a falta de contentores de recolha de lixo na zona da praia, o local da feira, e o trânsito, ficarão para outra crónica.

AS NOSSAS FESTAS

Decorreram com muito civismo e respeito, e também com elevado nível, as festas em honra de Nossa Senhora do Amparo e de Nossa Senhora da Guia, em Criaz e na Areia.

Estão de parabéns todos os que as programaram e realizaram.

EI-LOS QUE PARTEM

Chegaram «ontem». Rostos sorridentes, ávidos de sol e de descanso. Para rever a família e os amigos. Para matar saudades.

Partiram já «hoje». A sua vida já não é aqui. Os dias grandes, de sol a pino, a areia branca, escaldante, o mar enorme, verde, as feiras, as romarias, são apenas recordações do «passado».

A renovação da vida, a passagem célere do tempo, nota-se mais nestes dias, que passaram a correr. Outra vida, penosa e difícil, embora materialmente bem compensada, vai ser vivida, nos dias pequenos e frios que se aproximam. O tempo vai uma eternidade. Quantas vezes não-de recordar o sol, diferente, que aquece a alma e o coração; as gentes francas, as portas abertas, as mesas postas; os abraços da despedida. É aí que eles irão buscar o encorajamento e a fé que os vai amparar e fortalecer até ao próximo verão.

Por isso, eles como as andorinhas, não-de voltar.

NOVO ENGENHEIRO

Acabou o curso de engenheiro-técnico o nosso conterrâneo Luís Sequeira Peixoto que é ainda hábil defesa do C. F. de Fão.

Ao jovem engenheiro e a seus familiares os nossos parabéns.

É PENSANDO EM TI, QUERIDA R

*Sempre que meus olhos encontras
Não deixas de perguntar: que quer?
Embora não diga nada, jamais encontrei noutras,
O que os meus não podem dizer...*

*Porque é que entre mulheres tantas haver
O nosso coração só uma escolhe e quer!...
Deus existe. Ele é a perfeição da Natureza
Tu existes, porque és Dele a mais perfeita beleza.*

*Porque nasceste tão tarde para tão cedo viver?...
Para que fugir da realidade neste triste entardecer?
Este fatídico desencontro não se pode interromper
Em nova encarnação pode tudo acontecer...*

*Encontra a felicidade já que em mim não pode ser.
Despertando deste sonho afitivo não mais te quero ver
Vida sem ti não é vida; podes crer...
Vida sem ti meu amor! Vida sem ti é morrer.*

Fão, 7/7/88

AINOGA

Ladroagem à solta

Os amigos do alheio continuam a trabalhar em Fão. Desta vez coube a má sorte à Igreja matriz. Os gatunos retiraram de lá os microfones, candelabros prateados e floreiras.

Ao nosso conterrâneo Rafael de Oliveira levaram-lhe do carro um rádio portátil, próprio para automóvel, mas que o seu proprietário não retirou porque partiu do princípio que ao pé da porta ninguém lhe roubaria nada.

Ao nosso prezado assinante Manuel Moita, do Porto, aconteceu-lhe pior. Tem uma casa ali para as Pedrinhas no caminho que vai dar aos Cavalos. Já estava no carro pronto a sair quando a esposa o convidou a subir para a ajudar a procurar uma bolsa. O amigo Manuel abre o carro e sai sem se preocupar em levar as chaves. Ela ia só lá acima e voltava logo. Pois sim. Quando desceu, do carro só restava o lugar.

Tanto o roubo da Igreja como o do automóvel realizaram-se em pleno dia.

O rádio foi retirado pelas 10 horas da noite de dois deste mês. Aliás todos os roubos foram no mesmo dia.

ESCOLA DE KARATÉ

Vai abrir no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Fão uma escola de karatê, sob a orientação do mestre António Nascimento, cinturão negro, 2.º DAN.

As inscrições estão abertas para as crianças a partir dos 6 anos.

Trata-se de uma iniciativa do Centro de Animação e Cultura da Associação dos Bombeiros.

Desastre raro

No último domingo de Agostom debaixo da ponte, chocaram-se de frente dois barcos a motor de que resultaram feridos com gravidade.

Um deles, que se dirigia para Esposende, ficou partido ao meio. Nele seguiam ao volante Manuel Faria, mecânico de motores náuticos que se encontra em estado grave no Hospital de S. João, seu cunhado Adelino Torres do Monte que sofreu algumas fracturas mas ficou no Hospital de Barcelos e mais dois passageiros que apanharam um forte susto.

Na outra embarcação não se registaram feridos. Que nos lembre, não há memória de desastre igual no Rio Cávado.

AURORA

*De manhã cedo,
Quase em segredo,
Abro aos meus olhos os postigos
E, num breve momento,
Espreguiço o pensamento
E peço o violino ao rouxinol.
Depois, com cumprimentos amigos,
Saúdo o luminoso grassol
Que, a espreitar
Como ingénua criança,
Me anuncia doce esperança,
E me vem acariciar
Por uma fresta
Da janela do meu quarto,
Betjando-me na testa!
Com ele o meu íntimo reparto
E o coração ponho em festa.*

FLORINDA

o melhor café
é o da
A BRASILEIRA
PORTO

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Então essas férias? Recuperaram forças para mais um ano de trabalho? Então, vamos a isso, e... boa sorte!

PAUSA PARA SORRIR

Um recruta vem do dentista que, por engano, em vez de lhe tirar o dente contaminado, lhe tirou um que estava são.

O sargento ralha com ele: — «Grande burro! Deixas que te arranquem um dente são e não protestas?»

Diz o soldado: — «Mas é que foi de graça, meu sargento!»

— «Ah! Assim já é outra coisa!» — conclui o sargento...

★

Um soldado gabarola para alguns colegas: — «Eu posso gabar-me de que trago três botas!»

«— Não pode ser! Todos trazemos duas» — dizem os outros. «Como explicas isso?»

— «Muito fácil» — responde o gabarola. — «eu trago bota e meia em cada pé».

★

Um caixairo, farto de aturar uma cliente que não se contentava com nada, acaba por desabafar:

— «Não tenho mais sapatos para lhe mostrar. E sabe que mais? Vá pentear macacos!»

A senhora, muito ofendida vai queixar-se ao patrão. Este manda-o pedir desculpa à cliente, senão que o põe na rua.

O empregado aproxima-se e diz:

— «Foi a senhora que eu mandei pentear macacos?» Ante a resposta afirmativa, concluiu: — «É para lhe dizer que escusa de ir...»

DESATINO

*Desatino. Constante do dia-a-dia.
Umaz vezes mais, outras menos
mas sempre, sempre, desatino.*

*Ter vontade de matar,
De tudo destruir
Para nada, nada, restar.
Das cinzas recomçar,
Uma vida construir.*

*Vida! Vida! Tu tens que prosseguir.
Continuar, atinar,
Tu tens que conseguir.
o mundo encher
A sorrir, a sorrir,
Embora a sofrer.*

*Máscara de mentir
Feita de papel de carnaval.
Maldita, maldita máscara,
como ela te cai mal!
Tentas arrancá-la
e que surpresa para ti
Pois a máscara não sai,
Ela faz parte de ti.*

TONY

SÓ TU, E AQUELA ARMA!

*Caminho pela rua
Noite tão bela e tão triste!
Cada passo que dou
Cada cara pisada que vejo.
Crianças desamparadas pelas esquinas
Velhos como farrapos,
Bocas lacradas pela fome,
Corpos arrepiados, encolhidos pelo frio,
Olhos humildes, rostos de desespero,
Mãos terroristas, jovens desiludidos,
eu sei lá!...*

*Vejo a humanidade como lixo,
Lixo amontoado e cada vez mais.
Será que ninguém o vê?
Oh! Mas que mundo é este?
Um mundo mísero
Um mundo monstruoso, egoísta, insensível.
Tu, homem! Ti que inventas armas altamente sofisticadas, não és capaz de ajudar o teu irmão?*

*Não és capaz de pôr em prática a arma mais forte e mais bonita que existe?
Sim, o amor, a compreensão, a paz.
Uma mão que se estende num gesto de ajuda.
Quando fizeres tal,
Irei caminhar pela rua, e não verei
Lixo, mas sim flores.
Todos terão um sorriso nos lábios e um gesto de esperança e de alegria.*

BRANCA



Desenho de FÁTIMA GUIMARÃES

JARDINS DE ESPUMA

por PEDRO LOBISA

(Continuação)

Talvez aquele fosse o último ano de vida daquele paraíso luminoso.

Seria por isso que aquele ano era o «ano Europeu do ambiente»? Seria que era o último ano do mar e do céu, das florestas e dos animais? Se assim fosse Luís tinha que aproveitá-lo. e, numa pressa quase frenética, voltou os olhos para as águas azuis. Um trilho de luz dourada culminava no horizonte com o círculo incandescente do sol. Longos fios de ouro ondulavam aqui e ali. Era difícil descobrir a cor dominante da paisagem. Azul, ouro e branco confundiam-se numa moldura encantadora, tão real como as obras mais clássicas e tão sonhadora como uma obra moderna de Picasso. Luís lembrou-se de tentar imaginar como seria a vida no fundo do mar. E imaginou-a à maneira que melhor conhecia: a maneira dos homens. Na sua mente passaram imagens de batalhas náuticas: enormes cardumes seguidos por armas de corais prontas a matar e a ferir. Mas tudo se esfumou dando lugar a imagens reconfortadoras. Peixes de todas as cores nadavam juntos; os maiores protegiam os mais pequenos e todas rumavam à procura de um lugar comum para a vida. Luís murmurou umas palavras abafadas.

— O homem tem de aprender a respeitar-se.

Lopes olhou-o, surpreendido.

— Que disseste, miúdo?

— Estava a pensar que o homem só poderá respeitar o ambiente quando aprender a respeitar-se a si próprio.

Lopes soltou uma gargalhada.

— Acreditas que o homem é capaz de respeitar alguém? Como são ingénuas as crianças!

Luís ia dizer qualquer coisa mas calou-se. Um trovão ameaçador invadiu a quietude da praia. O mar ergueu-se, medonho. Inundou a areia e arrancou ao mundo os restos da sua podridão. Luís virou-se para o tio. Não o viu. A praia estava deserta. A água vingadora do mar recuava e deixava a areia encharcada de sal e de vida. Luís levantou-se e fugiu.

(Continua)

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus

PORCARIA, MOSCAS E TOMATES

(Continuado do número anterior)

Espectáculo nojento para um alheio à região.

Pendura-se o cabrito à porta do talho, que é constituído por um cubículo cujas dimensões não excedem metro e meio de fundo, dois de largura e uns dois, dois e meio de altura.

Ali dentro deve sufocar-se...!

As moscas pululam entre o chão, lixo, detritos e a carne imaculada do cabrito.

Num olhar sobre tudo aquilo desfaz-se a pouca vontade de comer que porventura ainda exista.

As refeições intragáveis, pois além de cozinhas sabe Deus como e mal, têm como principal e único condimento, o tomate, que entra em tudo.

Sopa de tomate. Arroz de tomate. Massa com calda de tomate. Cabrito estofado em molho de tomate. e como não bastasse, vêm ainda a acompanhar uma salada de tomate.

Abre para tanto tomate...!

Sento-me à mesa e sem qualquer convite da minha parte, aparece uma legião de moscas a querer compartilhar comigo da refeição.

Lá as vou enxotando fazendo-lhes notar não as ter convidado, mas não atendem e persistem nos seus intentos.

Uma mais atrevida e ousada consegue atingir os seus objectivos, pousar sobre a comida, e então só me resta a rendição, deixando-as saciarem-se à vontade, no que se não fazem escusadas.

Grandes desavergonhadas...!

Noite. Vou para me deitar e ao entrar no quarto sinto ainda mais acentuado, aquele cheiro que me persegue, de mistura com um calor sufocante.

É que os animais já dormitam e não posso fugir ao cheiro e calor emanados dos mesmos. Tenho a impressão de que sou assaltado por milhentos de bichinhos.



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rioávô, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆ ☆ ☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

A cama, embora limpa, é um catre onde não consigo dormir.

Doi-me o corpo todo.

E ainda não há mais de catorze horas que me encontro na aldeia e o que terei ainda de aguentar. Vou a Z, que dista de Y uns quatro quilómetros.

O estradão que liga as duas localidades corre entre montículos, ladeando-os, montículos que se encontram cultivados.

À medida que caminhamos ficamos extasiados perante os cambiantes que nos são dados pelas diversas tonalidades da mesma cor da cultura, que ora é forte e natural por directamente batida pelo sol, ora já um pouco esmaecida pela penumbra e totalmente escurecida pela sombra, dado o nosso ângulo de visão pelas voltas que vamos dando pelo estradão.

Mas Z, é a continuação de Y em imundície.

A entrada, uma fonte que despeja água para um tanque, grande e relativamente baixo, que serve para a população lavar as suas roupas e os animais beberem.

As boas vindas são-me dadas por um grunhido de suíno enorme que chafurdava na lama que havia junto aos lados do tanque.

De resto, o mesmo espectáculo.

Cães, suínos, perus, crianças, lixo, detritos, etc.

Fico estarelecido quando vejo uma criança de uns cinco a seis anos trazendo arrasto por uma orelha um leitão já morto e que vai atirá-lo para um dos lados do caminho, em exposição ao sol, local por onde brincam outras crianças e passeia toda a bicharada da aldeia.

No meio de tudo aquilo apenas uma nota picaresca. Um homenzinho vendo-me, desconhecido, e naquela curiosidade própria de aldeão aproxima-se e indicando um burro que perto paulatinamente ia mordiscando uns bocados de palha que se encontravam pelo chão diz: ali onde o Senhor o vê, é o burro mais velho da aldeia e ainda trabalha bastante!... Sorri e concordei com o bom do homenzinho, acabando por lhe perguntar se na aldeia não havia gente idosa. É evidente que não e compreendeu a minha pergunta senão, sei lá bem o que me aconteceria.

Por azar meu esqueci-me do estojo de barbear em X.

Perguntei ao carteiro se não havia barbeiro na localidade — Y.

Respondeu-me que sim, mas que só abria nas tardes de quarta-feira e sábados.

Para lá me dirigi.

Sala de dimensões regulares, com paredes pintadas em cor de rosa desmaiada e umas ripas a servirem de cabides, mas pintadas em azul berrante.

A um canto um caixote, em madeira, cheio de bocados de jornal utilizados pelo barbeiro para limpar a navalha à medida que vai escanhoando a cara do cliente, e um montão de cabelos. Quartel General das moscas, de onde partem para atacar os indefezos seres humanos.

Reparo que há um copo de alumínio onde já se encontra o sabão defeito. O barbeiro, homem de mãos calosas mais habituadas à charrua e ao cabo da enxada do que à navalha, lá vai molhando o pincel no copo e ensaboando a cara do freguês, nunca o lavando no fim de cada operação. Também não vale a pena, assim pensará o barbeiro. O fim é sempre o mesmo. Ensaboar a cara do cliente.

Pacientemente aguardo a minha vez.

Quando esta chega, sou porém alvo de atenções especiais. Muda o assento de cadeira e põe em volta do meu pescoço uma toalha ainda não servida.

Evangelicamente preparo-me para ser esfolado por aquelas mãos terríveis. Lá vou suportando o arrancamento dos pêlos da cara.

As moscas saltitam entre o caixote e a minha cara, testa e cabelo.

E o bom do barbeiro pacientemente as vai enxotando. Pacientemente sim, porque se fosse homem de instintos sanguinarios as anavalaria ali na minha cara.

Por toda a delicadeza com que fui tratado acabo por lhe dar uma gorjeta de cinquenta centavos. Ao todo, paguei um escudo e meio.

Só me falta uma contagem. Mas cheio de tudo e porque já possuo elementos comparativos e meios de controle, resolvo na quinta-feira ir pernoitar a uma cidade da área e bastante próxima.

Depois do almoço previno a hospedeira de que vou embora, pedindo-lhe a conta.

— Faça-as Senhor, diz a mulherzinha.

— Não minha Senhora. A senhora é que sabe o que devo.

Depois de diversos olhe... se ficasse até amanhã eram cento e vinte escudos, mas como vai hoje faça o Senhor a conta.

Novamente não... sim... até que acabei por lhe dizer que pelas contas dela a diária era de quarenta escudos. Como então eram duas diárias e meia tinha de pagar cem escudos.

A boa da mulherzinha, em voz melíflua, responde: não, são cento e dez escudos, porque eu já tinha comprado a comida para a noite e tem de a pagar.

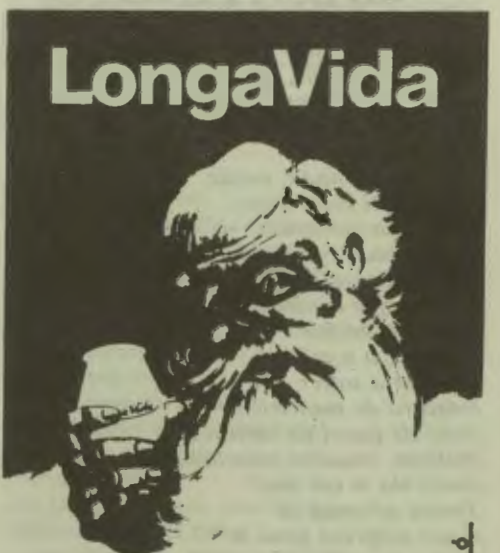
Concordei, paguei e despedi-me.

E a boa da mulherzinha à guiza de despedida ainda me disse que se quisesse comer alguma coisa antes de ir embora «não se acanhe... porque o Senhor já pagou... Sorri e agradeci-lhe o gesto de boa vontade.

As seis horas da tarde tomei a camionete que me levaria ao mundo civilizado.

ARMINDO DUARTE

NOTA — Embora possam parecer um pouco exagerados os factos descritos, deve dizer-se que os mesmos correspondem a uma realidade constatada. Omitem-se, como é óbvio, os nomes das localidades em causa.



o que é bom da natureza

O Mundo em que vivemos

A TERRÍVEL ESCOLHA

Quando se pensa no Verão, há a tendência para o associar a coisas agradáveis: férias, passeios, sol, praia, descanso, etc. Mas a verdade é que há sempre o reverso da medalha: mais acidentes na estrada, afogamentos, incêndios, etc.

Este ano salientou-se, pela sua envergadura, o fogo ocorrido na baixa lisboeta.

Esta zona, já tão martirizada há pouco mais de duzentos anos pelo terramoto do dia de Todos os Santos, que a deixou destroçada, volta agora a ser alvo de uma outra catástrofe. Parece que um certo fatalismo a envolve.

Toda a Comunicação Social noticiou largamente o acontecimento. Até nós chegaram as imagens de labaredas irrompendo dos prédios solenes e antigos; da luz suave da manhã avermelhada pelo clarão das chamas; o ruído surdo das explosões de gás. A Imprensa deu-nos os pormenores das perdas irreparáveis, tais como os Armazéns Grandella, os do Chiado, uma pastelaria com cerca de trezentos anos, uma casa discográfica com o respectivo museu, etc. A Baixa pombalina (assim chamada porque foi reconstruída, após o terramoto, por ordem do Marquês de Pombal) fôra duramente mutilada. Pessoas houve que ficaram desalojadas, tendo o seu problema sido resolvido pela Santa Casa da Misericórdia, pelo menos para já. Eram hóspedes de uma pensão que o fogo devorou. Tudo isto nos foi dado, ao longo de dias, na Rádio, na Televisão, na Imprensa. Entrevistas, hipotéticas atribuições de culpas, medidas a tomar para a reconstrução, debates sobre o respeitar ou não a traça primitiva dos edifícios, e muito mais.

De uma coisa, porém, pouco se falou; apenas uma breve referência: — «Houve um morto, um homem de 60

anos, que saltou de um prédio em chamas para a rua». Assim, com este laconismo.

Se pensarmos um pouquinho, chegamos à conclusão de que essas palavras encerram um drama que à primeira vista passa despercebido: quando ameaçado pelas chamas, esse homem teve de fazer uma terrível escolha, uma dramática opção, não entre a vida e a morte, mas confrontado com esta, qual a forma de morrer: ou no implacável brasero, ou esmagado contra as pedras da rua. Devem ter sido momentos de inenarrável angústia.

E por isso, principalmente por isso — acima e além de todos os prejuízos materiais — Lisboa está de luto.

E. REAL

OBRAS DO PRIORADO

Há uma série de obras a «arrebentar» entre Fão e nenhuma delas começa. Parece que os trabalhos da Alameda estão em fase de arranque. Pelo menos já se vêem lá guindastes e o nome da firma construtora.

O caso do Priorado esse é mais escandaloso. A Câmara já adiantou dinheiro (7.500.000\$00) que se encontra da posse da Comissão Fabriqueira. O projecto é que está a ensarilhar tudo. Pensou-se em alguns arquitectos amigos de Fão, mas acabou por se encomendar a obra à arquitecta da Câmara pensando que se ia adiantar serviço. Já lá vão três meses e aquela técnica ainda nada entregou. Só promessas.

A construção do mercado e outros arranjos adjacentes é obra que está prometida e programada desde o tempo do Eng.º Losa. Dizem que são bloqueios à Presidente da Câmara. Seja o que for, a situação torna-se insustentável e Fão é que está a perder.

Há mais obras em agenda, particulares umas, oficiais outras, mas pelo jeito que as coisas vão, só lá para as calendas. E não há dúvida que todos esses arranjos e construções em perspectiva muito virão beneficiar a terra. Só que...

CARTA ABERTA

Ao Presidente da Câmara Municipal de Esposende

Ex.ma Sr.a

Há muito tempo a esta parte os residentes das Pedreiras em Fão, têm vindo a ser vítimas do excesso de trânsito que aqui se verifica.

As suas casas são frequentemente danificadas, batrais arrancados, cantarias danificadas, etc., não falando já no perigo que isto constitui para as populações e particularmente para as crianças.

A rua é demasiado estreita para o tráfego aqui existente e a população há muito reclama a construção de uma alternativa, que no nosso entender, seria a construção de uma estrada pelas traseiras desta mesma rua, o que não seria muito difícil, visto já lá existir um caminho, que apenas seria necessário alargar e pavimentar.

Há poucas semanas atrás, com o problema dos caullnos em Barqueiros e com o conseqüente corte da estrada naquela região, todo o tráfego de Barcelos foi desviado por esta rua o que ocasionou engarrafamentos enormes. Pessoas houve que ficaram retidas dentro das suas casas, impossibilitadas de sair em virtude das portas de suas casas se encontrarem bloqueadas com camiões.

O autor desta carta, no último número de «O Novo Fanguero», chamava já a atenção para este problema. Disseram-nos porém que isso era um problema já ultrapassado, visto essa obra estar em vias de ser iniciada.

Devo confessar que fiquei muito satisfeito com a notícia, só que essa euforia poucos dias durou, pois ao ter conhecimento da verba atribuída e ao fim a que se destina, que é a pavimentação do caminho da Abarrosa, fiquei desapontado.

Pois isso não é solução para o problema das Pedreiras. Nós precisamos de uma estrada onde se possam cruzar dois camiões, e não de um caminho para andar de bicicleta.

Sei que isso é uma obra da responsabilidade da Junta Autónoma de Estradas, mas tem que ser a Autarquia a pressionar aquela entidade para que tal obra se faça no mais curto espaço de tempo e eu não tenho conhecimento que até hoje tenha sido feito qualquer coisa nesse sentido.

Quero que esta carta, que manifesta o sentimento de toda esta população, seja entendida como uma chamada de atenção para tão grave problema.

Com os mais respeitosos cumprimentos

JOSÉ RAMOS DA SILVA

CRIANÇAS

Eu gosto das crianças sorridentes
Com suas almas cheias de magia,
Humanas andorinhas inocentes,
Violinos com celeste melodia.

Fontes puras de rios transparentes,
Poemas a fazer-se dia a dia,
Embriones vivos de árvores virentes,
Alvoradas de sol e de alegria.

Um berço, de crianças, pequenino,
É uma graça, um ósculo divino
E mais beleza do que um ninho encerra.

Pombas sem fel, alvíssimas e mansas,
— Ó virginais e cândidas crianças,
Vós sois, vós sois os querubins da terra.

DINIS DE VILARELHO
Gondomar, 2-07-1988



★★★★★

estalagem
PARQUE
DO RIO

OFIR
PORTUGAL

UM LUGAR TRANQUILO

Tel. 961521 - 2 - 3 - 4 — Telex 32066

Pagaram a assinatura

Menino Gustavo Vilaça Valle, Porto (1988), 500\$00; D. Teresa Amoroso Lopes Valle, Porto (1988), 500\$00; Dr.ª Maria Georgina Carneiro, Porto (1987), 500\$00; José Cândido Mendanha Gonçalves, Braga (1987), 500\$00; Dr. Paulo Sá Machado, Porto (1987/88), 1000\$00; António Paulo de Sousa, Esposende (1988), 500\$00; João Barros, Matosinhos (1986/87/88), 5000\$00; Dr. Florentino Evangelista dos Santos, Porto (1988), 1500\$00; Gustavo Costa, Fão (1986/87/88), 2000\$00; Manuel Joaquim Branco da Costa, Fão (1988), 500\$00; Eng.º Manuel Malafaia Baptista, Porto (1988), 500\$00; José Manuel Simões M. Correia, Espinho (1988), 500\$00; Abílio Graça do Vale, Fão (1988), 500\$00; D. Georgina Lacerda Viana, Fão (1986/87/88), 1500\$00; Eng.º Pedro Manuel Carvalho de Matos, Porto (1987), 500\$00; Francisco Vilar Soares, Porto (1987), 1000\$00; Amândio Cardoso da Silva, Fão (1987), 500\$00; João Reis Graça, Fão (1988), 500\$00; Super Mercado Lirio, Fão (1988), 500\$00; D. Maria Hermínia Silva, Fão (1988), 500\$00; José Paulo Ferreira, USA (1988), 1000\$00; Manuel Raimundo Ferreira, Brasil (1988), 1000\$00; Manuel Martins, Fão (1988), 500\$00; António Gomes do Vale, Fão (1988), 500\$00; Paulino Pinto de Campos, Porto (1988), 500\$00; Irnand Moteo, França (1987/88), 2000\$00; Francisco dos S. Gomes Solinho, Fão (1988), 500\$00; Dr. Rui Agonia Pereira, Lisboa (1987), 500\$00; Dr. Joaquim Novais, Fão (1988), 500\$00; Arlindo Ferreira, Fão (1988), 500\$00; Delfim Ferreira, França (1987/88), 2000\$00; D. Maria Ferreira Belo, Fão (1988), 500\$00; Prof. D. Berta Campos, Fão (1988), 500\$00; Manuel Gomes da Costa, Porto (1988), 1000\$00; Amândio Caramalho, Brasil (1988), 1000\$00; Amadeu Vassalo Costa, Fão (1988), 500\$00; Sérgio Mariz Ferreira, Fão (1988), 500\$00; D. Mariana Riedl, Alemanha (1988), 1173\$00; Aparício Mariz, Póvoa de Varzim (1987), 500\$00; D. Elvira Cubelo Morais, Fão (1988), 500; Rui Fer-

reira da Silva, Fão (1988), 1000\$00; Abílio Sobral, França (1987), 1000\$00; António Graça do Vale, Fão (1987), 500\$00; Venceslau Rodrigues, Lisboa (1987/88), 1000\$00; António Reis Graça, Fão (1988), 500\$00; Armando Gomes da Silva, Fão (1986/87/88), 1500\$00; D. Maria José Borda, Fão (1987), 500\$00; Ernesto Pereira de Azevedo, Brasil (1986/87/88), 3000\$00; D. Aida Teixeira Dias de Araújo, Fão (1988), 500\$00; Horácio Miguel Pereira, Fão (1985), 500\$00; Adelino Campos Monteiro, Fão (1988), 500\$00; António Boaventura Silva, Porto (1986), 500\$00; D. Virgínia Fonseca Alves Lacerda, 500\$00; Luís Ferreira, França, 1000\$00; Quenor Gomes Ribeiro, Fão (1988), 500\$00; D. Ana Maria Gonçalves Faria, Fão (1988), 1000\$00; Joaquim Morais da Silva, Lisboa (1987/88), 1000\$00; Hotel Ofir, Fão (1984/85/86/87/88), 2.350\$00; José Manuel da Silva Carvalho, Porto (1988), 500\$00; José Morais Casanova, Braga (1988), 600\$00; António Morais Casanova, Amadora (1988), 500\$00; José Amorim de Faria, França (1988), 1000\$00; Domingos Júlio F. de Lemos, U.S.A. (1988), 1000\$00; D. Laurentina Ribeiro da Silva, Fão (1988), 500\$00; Manuel Faria Graça, França (1988), 1000\$00; Avelino Graça, Apúlia (1988), 1000\$00; Orlando Ferreira Graça, França (1988), 1000\$00; Domingos Morais da Silva, França (1988), 1000\$00; Carlos Ferreira Graça, França (1988), 1000\$00; D. Maria Alice Fernandes Morais, Barcelos (1987), 500\$00; Dr. Alberto Malafaia Baptista, Porto (1988), 500\$00; Feliz Gaifém Soares, Guimarães (1987), 500\$00; Artur Ferreira, Gandra (1987), 500\$00; D. M.ª Adelaide Gonçalves Morim, Fão (1988), 500\$00; Reinor Sá Pereira, França (1988), 1000\$00; Armando Reis, Fão (1987), 500\$00; Manuel Arantes Gomes, França (1988), 1000\$00; Manuel Sá Pereira, Estoril (1988), 500\$00; Manuel Ferreira Graça, França (1988), 1000\$00; Carlos Domingues da Venda Mariz, Braga (1988), 500\$00; Fernando Albino Gonçalves Neves, Porto (1988), 500\$00; D. Maria da Conceição Torrinha, Guimarães (1987/88), 1000\$00; Amândio Fonte Gaifém, Fão (1988), 600\$00; António Didier Ferreira, Fão (1988), 1000\$00; Eng.º Ruben Agonia Pereira, Lisboa (1988), 1000\$00; Adelino Saraiva, Fão (1988), 500\$00; António Torres, França (1988), 2500\$00; Abel Torres, Brasil (1988), 1000\$00; Manuel Gonçalves Morais, Brasil (1988), 1000\$00; Maximiano Gomes Calafate, Brasil (1988), 1000\$00; Carlos Felgueiras, Famalicão (1986/87/88), 3000\$00; Arg.to Rui Moura Leal, Porto (1988), 500\$00.

BARQUEIROS NO LIMO

Jovem que aproas à barra quando já o Sol vai alto sem remador nem vareira, és linda menina arrais que dás ao vento todo o pano p'ra bolinar perto do cais, vigia bem por onde vais, não navegues por engano nos poços dos areais até passares a Junqueira, e não caias em sobressalto que não tens lá boa amarra, nem teu barco é salva-vidas Jovem que aproas à barra.

Jovem que aproas o Norte longe ficou o Caldeirão, rumas à foz do rio encher o barco de moliço que é bom fertilizante para espalhar nas leiras dos teus campos nas Pedreiras, antes que a maré-baixa levante as algas levem sumiço e o nevoeiro traga o frio, que nesses esteiros de Fão não é clara a negra morte, nem teu barco é salva-vidas Jovem que aproas o Norte.

Jovem que procuras abrir caminho ao bom porto das Pedreiras, quando vai alto o luar e a calma voltou à água, já colheste o alimento para alimentares a terra. Esquece teu grito de guerra que a vida é mau tormento e afoga a tua mágoa ou deixa-a no rio flutuar. É destino de barqueiros não descansar o ancinho nem teu barco é salva-vidas Jovem que procuras abrir caminho.

CASANOVA 88/07/29

ALIANÇA SEGURADORA, E.P.

Manuel Real N. Morais

Seguros em todos os ramos

Escritório: Largo da Estação (C.P.)
Telef. 811279 — 4750 BARCELOS

AGRADECIMENTO

A família de António Lopes Cardoso reconhecidamente agradece a todas as pessoas que assistiram ao funeral do saudos extinto bem como àquelas que lhe manifestaram o seu pesar.

Agradece também muito reconhecida ao corpo clínico e pessoal de enfermagem do Hospital de Fão que com tanto carinho e desvelo tratavam o seu querido familiar.

FALECIMENTO

No Hospital de Fão faleceu, em Agosto, António Lopes Cardoso. Mais conhecido pelo Antoninho, era portador de uma doença cromossómica que lhe apressou a morte.

À família enlutada os nossos pêsames.

DO BRASIL

Em casa de seus familiares encontra-se entre nós o nosso amigo Valdemar Machado Viana, vindo do Rio de Janeiro.

Boa estada é o que lhe desejamos.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

FOLHA AGRÍCOLA

por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA CEBOLA

1) INTRODUÇÃO:

Esta cultura atendendo às suas exigências em solos e clima e até às suas características, é das que poderá ter interesse para os Senhores horticultores das zonas litorais, pois permite poderem ter elevados rendimen-

tos e rentabilidade económica em quase todos os terrenos.

2) ORIGEM:

Pensa-se que a cebola é originária da Ásia Central e das zonas montanhosas do Irão e do Afeganistão. No entanto, há autores que referem que esta hortícola cresce em forma espontânea entre os países litorais do Mediterrâneo Oriental e a União Indiana.

Esta cultura tem grande interesse na Grécia, Itália e Egipto. Destes países expandiu-se para outras zonas do litoral mediterrânico.

No nosso país ocupa uma área de mais de 5000 hectares tendo grande interesse não só para o consumo interno, bem como para a exportação.

3) SOLOS:

A cebola pode desenvolver-se num grande número de solos, desde que tenham uma quantidade elevada de areia, isto é, que sejam soltos e permeáveis.

Os melhores solos são os de textura média, desde os franco-arenosos, aos arenos-argilosos, bem arejados, fundos e com boa capacidade de retenção para a água.

A humidade excessiva dá o rigem ao ataque de fungos e ao apodrecimento dos bolbos.

4) CLIMA:

Os elementos de maior influência nesta cultura são a temperatura e o período diário da luz do sol.

A temperatura ótima para o bom desenvolvimento dos bolbos varia de 15 a 23° centígrados.

Quanto à influência do período diário da

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aduos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges 812199 BARCELOS

luz (fotoperíodo), o ciclo da cebola pode dividir-se em 3 fases:

a) Desde a germinação até à completa formação das folhas.

b) Fase do crescimento dos bolbos.

c) Fase da reprodução (que vai desde o desenvolvimento da haste floral, à formação das flores, dos frutos e das sementes).

As variedades precoces, necessitam de 14 horas de luz por dia e as variedades tardias precisam de 16 horas.

5) CORRECÇÃO DA ACIDEZ:

O PH ideal para o desenvolvimento da cebola anda entre 6,0 e 6,7.

Os rendimentos diminuem quando o PH é inferior a 5,8, ou acima de 7,0. Nestes casos as plantas sofrem desequilíbrios fisiológicos, dando origem a um mau desenvolvimento e à formação de bolbos, como seja com as escamas interiores bastante delgadas.

O PH depois de encontrado por intermédio das análises do solo, deve ser corrigido, usando o calcário dolomítico nas dosagens indicadas pelos técnicos regionais do M.A.P.A.

6) PREPARAÇÃO DO TERRENO:

Dado que as raízes da cebola se desenvolvem na camada superficial do terreno, não há necessidade de se fazer lavours fundas, a não ser quando se pretende melhorar a permeabilidade do sub-solo.

Uma lavoura a 25/30 centímetros de profundidade é suficiente. Convém a seguir esmiuçar e destorroar o solo, para preparar uma «boa cama» para as plantas se desenvolverem em boas condições.

7) ADUBAÇÃO DE FUNDO:

Para se poder aconselhar uma adubação criteriosa e conveniente, há que com devida antecedência se mandar proceder às análises dos terrenos onde se pretende fazer as culturas de cebola.

Como adubações de fundo consideradas tipo médio para esta cultura quando não se tem resultados das análises de terra, aconselhamos por hectare:

(Cont. na pág. 10)

DEZPC



BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTECTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARÁ PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,
(Cleopatra

EM PORTUGAL

(- AMARELAS: Berber, Concurrent,
(Frisia, Mansour, Chelix, Ukama,
(Van Gogh



DE Z.P.C.: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. - PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefax (034)311912
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

- Estrume curtido — 20/30 toneladas
 - Níctoamonal 20,5% — 150 Kgs.
 - Superfosfato de cálcio 18% — 400 Kgs.
 - Cloreto de potássio — 250 Kgs.
- ou
- Estrume curtido — 25/30 toneladas
 - Níctoamonal 20,5% — 100 Kgs.
 - Superfosfato de cálcio 18% — 300 Kgs.
 - Sulfato de potássio — 200 Kgs.

NOTA:

- a) O estrume deve ser incorporado com a lavoura do Outono e nunca na altura da transplantação.
- b) O estrume curtido pode ser substituído pelos adubos orgânicos como por exemplo o «Estrela Adubo» à razão de 3.000 a 4.000 kgs/hectare.

Da rainha — Bolbo branco, deprimido e pequeno — 5 a 6,5 cm de diâmetro por 1,5 a 2,5 cm de altura —, com pelúcias exteriores branco-prateadas. Variedade temporã, muito adequada para conservas em vinagre.

De Paris — Bolbo branco, um pouco achatado, com cerca de 6 cm de diâmetro. Cebola bantante temporã e rústica, adaptando-se bem a diversos ambientes com características diferentes. Embora se consiga manter cerca de três sem espigar, não possui boas qualidades de conservação motivo porque é recomendável o consumo logo após a colheita.

Variedades de cebolas «AMARELAS»:
Da Beira — Bolbo com as pelúcias exteriores pouco aderentes, de tamanho grande a muito grande, um pouco achatado. Polpa tenra mas consistente.

Da Madeira — Esta variedade, também conhecida por Chata da Madeira, produz bolbos achatados, grandes a muitos grandes e com polpa rosada. Muito temporã mas com qualidades de conservação deficientes, devendo ser destinada a consumo imediato.

Da Póvoa — Bolbo com as pelúcias exteriores amarelo-cobre, um tanto deprimido e de tamanho médio.

Das Virtudes ou Amarelo-palha das Virtudes — Bolbo achatado e grande (8 a 10 cm de diâmetro e 3,5 a 4,5 cm de altura). Variedade semi-precoce e com boas qualidades para conservação.

De Barcelos — Bolbo de tamanho médio, com boas qualidades de conservação. Dificil de espigar.

De Setúbal ou Marova — Bolbo com aspectos um tanto semelhante ao da variedade «Da Madeira». Grande e achatado ou oval. Pelúcias soltas ou pouco aderentes e polpa tenra. Conserva-se mal. Figura entre as variedades que mais contribuem para o abastecimento dos mercados a partir de Abril.

De Viseu — Bolbo grande e achatado, com boas qualidades de conservação. Variedade semi-precoce.

Garrafal — Bolbo grande, com forma oblonga mais ou menos acentuada. Semi-precoce. Boas qualidades para a conservação por períodos relativamente longos. Variedade adequada para a exportação.

Grande Yellow (híbrido americano) — Bolbo redondo, ligeiramente achatado e de tamanho médio. Polpa branca, de consistência média e de bom paladar. Conserva-se bem (5 ou mais meses, desde que o armazém seja mantido seco e ventilado). Boas qualidades para exportação.

Redonda Portuguesa — Bolbo redondo, de tamanho médio e polpa rijá.



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS
MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS®
E CHANDLER®
(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINÍDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE
NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197 3060 CANTANHEDE




estrela adubo

FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO





Composição:		Phosphate muric per 5,5 milhões por grama	
Materia (%)	30 a 30	Micronutrientes	
Materia orgânica (%)	30 a 30	Cálcio - Ca	100 mg/kg
Azoto total (N) (%)	2,4 a 3	Enxofre - S	100 mg/kg
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	3 a 5	Cálcio - Ca	100 mg/kg
Potássio K ₂ O (%)	1,5 a 2	Boro - B	10 mg/kg
Carbono - C (%)	30 a 30	Magnésio - Mg	10 mg/kg
pH	6 a 7		
C.N. - 17 a 20			

**ESTAMOS DESENVOLVENDO
A MINHOCULTURA**

CONSULTE-NOS

Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telef. 53386 Adubos P
Telef. (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Vilarito 3500 VISEU

50Kgs
KILOS

Redonda Temporã — Variedade semelhante à anterior mas mais precoce.

Saloia — Também conhecida por De Lisboa e Almargem. Produz bolbos com as escamas exteriores (pelúcias) muito aderentes, de tamanho pequeno a médio, com conformação achatada e de polpa rijá e com bom paladar. Variedade serôdia com muito boas qualidades para conservação e exportação.

Valenciana — Bolbo com colo estreito e pelúcias exteriores de coloração amarela mais ou menos acobreada. Grande e esférico ou oblongo (com 7 a 9 cm de diâmetro e peso de 150 a 200 gramas). Polpa pouco ácida e de bom paladar. Espiga com dificuldade. Boas características para conservação e exportação. Existem duas formas: a temporã e a serôdia.

Variedades de cebolas «VERMELHAS»:
Redonda da Madeira — Bolbo redondo, grande, de polpa pouco ácida e avermelhada.

Roxa da Madeira — Bolbo com as escamas exteriores rosadas, grande a muito grande e achatado. Polpa arroxçada e firme.

Vermelha — Bolbo oblongo e de coloração arroxçada. Boa conservação. Variedade apropriada para terrenos argilosos, compactos.

Vermelha-escura — Bolbo um tanto achatado e cor de sangue. Gosto muito acentuado.


Vermelha da Madeira — Bolbo pequeno, achatado, de polpa branca e com as pelúcias vermelho-púrpura e pouco aderentes.

(Continua no próximo número)

8) VARIEDADES:

Felizmente que há numerosos trabalhos de selecção e melhoramento que têm como objectivo obterem-se plantas com maior rusticidade, sobretudo em relação às características regionais, mais precoces, com maior resistência a doenças e pragas e produtoras de bolbos de melhor qualidade. O agrupamento das variedades pode fazer-se em relação à coloração das pelúcias exteriores, à formação e ao volume dos bolbos, ao grau de pujança, à precocidade e ao poder de conservação.

- Assim, vamos agrupá-las em 3 tipos:
Branças, amarelas e vermelhas.
Variedades de cebolas «BRANÇAS»:
Branca de Itália — Bolbo branco, grande, achatado e tenro, mas com boa consistência.
Branca de Lisboa — Bolbo branco, de tamanho médio, um tanto achatado.
Branca de Barletta — Bolbo branco, arredondado e ligeiramente deprimido. Muito temporã.
Branca Redonda da Holanda — Bolbo branco, um tanto espesso e de tamanho médio. Boas qualidades para conservação.
Branca temporã — Bolbo branco, achatado, de tamanho médio e doce. Muito precoce.



TECNICANTO

ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
SISTEMAS DE REGA E AQUECIMENTO
SEMENTES E AGRO QUÍMICOS
ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
MOTORES E ALFAIAS AGRÍCOLAS
PLÁSTICOS E PERSINTAS
TELAS E FIOS
MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:
ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
eng.º téc.º agr.º

MORADA: **TELEFONE:**
 Rua do Sul (034) 32 12 91
 Gafanha de Aquém
 3830 ILHAVO

A INEVITÁVEL CRISE DO FUTEBOL

Como é já do conhecimento público, o C. F. de Fão viveu mais uma crise de futebol, mas desta vez a coisa agudizou-se de tal forma que muitos já estavam a entoar um *requiem* pelo seu passamento.

Toda a gente se sente cansado, «os outros que trabalhem», «que se lixe o futebol». É verdade que directores arranjavam-se, mas o *busilis* estava no «Presidente», cargo que cada vez se aproxima mais do perfil de empresário. Não é por acaso que o actual e anterior presidentes, Carneira e Aníbal Soares, são empresários. Requer-se tempo, dinamismo, imaginação, carro ou carros e uma certa capacidade económica para «adiantar». Bem, o caso do Bernardino é uma excepção. Ele é atrevido, bem relacionado, tem muita lábia e isto tudo ligado a muita dedicação fizeram dele um Presidente que soube desenrascar-se. Mas atrás dele vemos o Marinho e José Teixeira que são gente de empresas.

Uma observação importante: os dois homens que mais se destacaram nesta crise — Dr. Carvalho Matos e Aníbal Soares — não são fangueiros natos. O que é feito dos fangueiros autênticos, a fina flor da terra, os bordadores das placas que dizem OFIR, últimos abencerragens do FÃO *super omnia*? Nem se ofereceram nem apareceram a qualquer das assembleias.

Finalmente e já mesmo em cima do risco, uma Direcção foi encontrada com um Presidente que é um hoteleiro de Ofir, Aníbal Soares. Tanto quanto nos permite a memória, é a primeira vez que um hoteleiro de Ofir não nascido cá ocupa um cargo no velho burgo fangueiro. Não é de esquecer igualmente o trabalho do João Pedras. O Presidente da Assembleia Geral também não esteve inactivo, mas a sua obrigação era essa: não deixar morrer o clube.

(RETALHOS DE POESIA)

SÓ

Estou cansada de mim
Das esp'ranças perdidas
Das manhãs chuvosas
Das tardes compridas
Das noites solitárias
Das horas silenciosas!

Cansada de esperar
Sem nunca encontrar
Alguém como eu...
Capaz de entender
O mal e o Bem
O sol e a chuva
A morte e a Vida
A fé e o desdém...

Alguém que escutasse
A voz do amor
O som da penumbra
O eco da flor.
Alguém que pudesse
Ficar de joelhos
Aos pés duma cruz
E que chorasse baixinho
Ao ver um cego
Tocar violino.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM
Julho de 1988

Eleita no dia 17, a Direcção tomou posse (facto que não tem sido usual) no dia 2 de Julho. A Direcção dos Bombeiros gentilmente cedeu o local exterior das festas de modo que os novos directores foram empossados em pleno ambiente festivo, o último arraial-minhoto, que se fez na Esplanada dos bombeiros e cuja receita (a casa esteve boa) reverteu a favor do futebol. O dr. Armando Saraiva, na sua qualidade de Presidente da Assembleia Geral deu posse aos novos dirigentes e no final, em nome dos empossados falou o novo Presidente Aníbal Soares. Agradeceu a honra da escolha e prometeu trabalhar a favor da terra para que Fão tivesse uma equipa de futebol à altura do seu prestígio. Desejamos êxito à nova Direcção e co-

munhamos dos mesmos anseios do actual Presidente: que para o ano todos os futebolistas da terra que jogam fora voltem ao Clube Futebol de Fão.

Eis a lista dos novos corpos directivos: **Assembleia Geral** — Presidente - Armando Saraiva; V. — Presidente - António Francisco Fernandes O. Carreira; Secretário - José Emílio Sampaio e Castro. **Direcção** — Presidente - Aníbal Soares; V. — Presidente - João José Soares Pedras; 1.º Secretário - Manuel da Costa Lopes Cardoso; 2.º Secretário - Jorge Ribeiro; 1.º Tesoureiro - José Soares Pedras; 2.º Tesoureiro - José Luís da Silva Ribeiro; Vogais: Amílcar Cardoso e Manuel Belmiro Gonçalves Ferreira; Suplentes; Manuel Morgado dos Santos e Manuel António Araújo. **Conselho Fiscal** — Presidente - Manuel João Carvalho Matos; Secretário - António Gomes Viana; Relator - Eurico Sampaio e Castro.

PONTOS DE VISTA

Por QUIM DE FÃO

«Fão já tem biblioteca pública!
Com a presença dos presidentes da Câmara, Assembleia Municipal, Junta de Freguesia e, ainda, de outros autarcas e responsáveis de colectividades fangueiras, abriu ao público, no edifício Amorim Campos, uma extensão da Biblioteca Pública de Esposende.
A iniciativa é patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian e Câmara Municipal.
No momento da inauguração, o seu director, dr. Neiva, salientou o papel das bibliotecas e apresentou um amplo plano para a sua dinamização, sobretudo incidindo nas camadas jovens.
A biblioteca encontra-se aberta das 9 horas às 18 horas.»

★ Parece que as instalações desta biblioteca são provisórias.

Têm falta de espaço e necessitam de vigilância constante, no Inverno, dado as infiltrações de água e humidade.

★ Para já é de requisitar um «salva-livros». Abrir as sargetas de escoamento das águas pluviais do recreio e assinalar devidamente a porta de entrada que é francamente baixa.

O recinto escolar deve ser devidamente iluminado.

O acesso ao portão da estrada nacional transforma-se em lago, quando chove.

★ Esperamos que a biblioteca não seja um «armazém» de livros.

★ No «clube do rio» fala-se em mais um emprego.

Que seja para alguém competente, que goste de livros e capaz de dinamizar a biblioteca.

Que não vá lá cair mais um «frustrado».

★ Nos cafés, clubes e casas comerciais deveria ser anunciada a existência da biblioteca e respectivo horário.

★ Uma boa forma de dinamizar a biblioteca seria, tal como aconteceu em Esposende, a criação de um clube de vídeo com filmes educativos e seleccionados.

Ainda a criação de «uma hora» de leitura orientada, sobretudo para jovens estudantes.

Para os reformados e não só, a existência de um ou mais jornais diários de leitura gratuita.

★ No último número falámos de placas toponímicas e informativas.

Dois conselhos: repor nos respectivos lugares as placas «roubadas» pela calada da noite.

Colocar placas mais visíveis da existência da biblioteca, no início da Rua Amorim Campos.

O parto das «25 casas» foi adiado por 15 dias.

Há quem fale de dificuldades de nascimento; outros dizem que é preciso dar-lhes «a volta».

Há ainda quem fale da «ordem de entrada» ou sorteio» nos nascimentos. Más-línguas.

Se o parto não for «contra natura» a esta hora as «crianças» já nasceram. Fala-se no dia 2 de Setembro.

Quase temos a certeza, dada a «intocabilidade» dos autarcas que as casas tão badaladas vão ser distribuídas com «segurança».


Os concursantes podem dormir sossegados e puxar pelos cordões à bolsa que vão ter casa.

★ O futebol na nossa terra esteve quase, quase a tocar a finados.

Não dá para entender. Para a Junta de Freguesia um rol de listas e candidatas. Pobre futebol. São sempre os mesmos. Valeu a mão de alguns filhos adoptivos desta terra mais os tradicionais que se queixam de cansaço.

(Continua no próximo número)

NOVA GERÊNCIA



Calatrava

albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fiúza Júnior, 157 — Telef. 22011-27434 — Telex 33331 Latrav — 4900 VIANA DO CASTELO

HISTÓRIAS VERDADEIRAS

JOÃO PEREIRA

A Senhora Saudade

Estava eu já há uma boa meia hora, naquela loja que habitualmente costumava visitar em viagem comercial, quando a porta se abriu e entrou uma senhora, exclamando: Como estou cansada... este maroto (é apontava para o lado do coração) já me deixa ficar mal...

Ofereci-lhe um banco dos que havia disponíveis para que descansasse um pouco. Ela agradeceu e sentou-se, ao mesmo tempo que dizia:

— Quando eu era nova, nada disto acontecia...

Perguntei-lhe se vivia naquela terra e ela respondeu-me que sim.

Depois de mais alguma troca de palavras, começou a recordar o tempo passado, uma parte dele ao serviço dos outros e enquanto nisso falava, os olhos brilhavam-lhe, embora já algo cansados pelos seus mais de cinquenta anos de trabalho.

«Ainda nova, estive a «servir» em casa do sr. Capitão Soares. Fui para lá com dezoito anos e só saí para me casar. A D. Alice (esposa do sr. Capitão) era muito minha amiga e os filhos também. Ainda ajudei a criar alguns. Hoje estão todos casados.

Muito educadinhos! Imagine que ainda hoje, quando passam por mim na rua, vêm logo dar-me um beijo.

Nesse tempo havia muitas dificuldades, não era como agora; e à minha senhora, por vezes faltava-lhe o dinheiro, pois não tinha outros rendimentos, além daquilo que o marido ganhava.

Uma vez andou três meses sem me pagar e depois chamou-me e disse:

— Saudade, não tenho neste momento dinheiro para te pagar, mas vou dar-te dois lançóis de linho.

E foi a uma cómoda, abriu uma das gavetas e tirou dois lençóis dos melhores que lá tinha.

Imagine o sr. que esses lençóis, que eu guardei com tanto carinho, foram os que pus na nossa cama, no dia do casamento...

Vou-lhe contar agora um episódio engraçado.

A menina Eugénia, que era a mais nova de todos os cinco irmãos, um dia começou a namorar. O sr. Capitão não gostou.

Então às vezes eu saía com ela a dar uma volta pelo Jardim Público e logo aparecia o menino Carlos.

Eu deixava-os sentados num banco a conversar e ia ver os patos no lago, não sem antes recomendar: menino, veja lá, agora não me deixe ficar mal. Lá um beijito está bem... mas mais nada...

Eu tinha pedido aos senhores autorização para namorar. Nessa altura andava pelos vinte e dois anos. O sr. Capitão e a esposa disseram-me que o podia fazer da janela da casa, que dava para uma travessa. Estava, pois, eu na janela e o Jo-

sé na rua. E assim passávamos duas noites por semana.

Ora aconteceu que um dia a menina Eugénia me disse que gostava de falar com o namorado. Mas os pais não a deixavam sair sozinha.

Então eu lembrei-me de vir eu para a janela e o Carlinhos ficar na rua. Quando eu sentia os passos do sr. Capitão e a sua bengala a bater no soalho, vinha logo a correr da cozinha para a janela, a menina escondia-se e eu começava a dizer para a rua: «olha lá, ó Zé, qualquer dia vamos os dois à festa» e o namorado da menina Eugénia é que me respondia.

Como eu recordei hoje esses tempos passados...

Um dia o sr. Capitão adoeceu gravemente e o médico avisou que não tinha cura.

Ele mandou-me ir ao seu quarto, chamou-me para junto da cama e com a voz já bastante apagada, disse-me:

— Saudade, quero despedir-me de ti e agradecer tudo o que fizeste por nós.

Então eu, com os olhos cheios de lágrimas, pedi-lhe que tivesse esperança. Mas a verdade é que algum tempo depois lá morreu.

Nesta altura, a Sr.^a Saudade, virando-se para mim, exclamou: «desculpe o tempo que lhe tomei, mas recordar é viver»...



Admirável o exemplo desta mulher. Deu-se aos outros, sem nada exigir, mas sabendo que a felicidade dos que servia, era também a sua própria felicidade.

Eu logo ali pensei, que um dia havia de escrever esta pequena história e oferecê-la à Sr.^a Saudade.

FERNANDO DE ALMEIDA

RICARDO ALVES DA SILVA

Este nosso amigo, mortaguense de gema, vive normalmente em Sergy, França, mas um mês em cada ano vem passá-lo a Portugal. Aqueles que na Páscoa do ano passado foram a Pontoise para assistirem ao torneio de futebol que lá se realizou, devem lembrar-se dele. Aliás, «Monsieur Ricardo» o ano passado por esta altura esteve entre nós e este ano voltou a visitar-nos novamente, tendo sido homenageado por alguns conterrâneos.

Para o próximo verão pensa visitar-nos e nós daqui sugerimos para essa altura um jantar convívio entre todos os elementos da embaixada fangueira a Paris, tendo o amigo Ricardo e sua esposa por convidados. Já agora convidava-se o Dias Costa para ver se a gente vem na televisão. Valeu?

Personagem camiliana, era natural de Esposende

O personagem principal das Tramoias Desta Vida, conto moral inserido nas Noites de Lamego era natural de Esposende. Camilo esclarece que pessoa fidedigna lhe contara a seguinte história acontecida há 15 anos na vila de Esposende e em outras partes em nota de rodapé efeito à primeira edição de Lisboa, Julho de 1863.

Aquele José Moreira, de Esposende, emigrara para o Brasil onde casou, teve três filhos e fez fortuna. Morreram-lhe todos. «Lembrou-se então de Esposende e da irmã. Estava só, amargurado, contemplando melancolicamente sua inútil fortuna. Veto então para Portugal em busca da família e envergonhado de, só há hora do desamparo procurar sua irmã».

Procurou então a sobrinha Balbina de quem abusara uns anos atrás um fidalgo valdevinos, Gastão de Mendonça e se casara depois com uma fidalga maliciosa que acabou por o arruinar.

A Balbina, com a fama de que se afogara no Cávado, fugira para Castro Laboreiro, onde o tio acabou por a encontrar como pastora. Tirou-a o tio de tal vida, comprou-lhe uma quinta e avultados bens, levando os dois, a partir de então, uma vida regalada e viajando muito.

Só que o tio descobriu entretanto todo o drama da sobrinha e projectou vingar-se do fidalgo que a desonrara aos 16 anos e estava agora completamente arruinado assim como a sua mulher que acabou por se envenenar as saber pelo espelho que estava velha.

Comprou em praça os bens daquele Gastão, instruiu o caseiro para o albergar e dar sopas e surpreendeu depois a sobrinha quando a levou lá, encontrando inesperadamente aquele que fora causa da sua vida atormentada e beneficiário de seu amor de adulescente.

À boa maneira camiliana, o tio morre, deixa a quinta à sobrinha e esta recolhe-se a um convento oito dias depois do enterro do tio. Vila do Conde, Viana ou Vairão, um desses três mosteiros foi.

E a Balbina faz doação da quinta ao Gastão Mendonça que lhe mudara e transformara a vida toda.

Não consta onde terão contado a Camilo esta história trágica. Mas poderá ter sido muito bem na Póvoa ou na Foz, praças que com muita assiduidade então frequentava o grande torturado de Seide.

Vale de Lobos, Agosto de 1988

GOMES DOS SANTOS

AVENÇA



PORTE
PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FAO